

VISITAS A MUSEUS DE CIÊNCIAS COMO ACONTECIMENTOS ÚNICOS

Daniela Franco

RESUMO: Esse texto apresenta uma reflexão sobre a ação de visitar museus, em específico museus de ciências, como acontecimento único na vida do sujeito. A investigação se dá no Museu de Biodiversidade do Cerrado da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. Por se tratar de um museu de ciências com elementos interativos de comunicação, a pesquisa objetivou analisar as interfaces do momento da visita do público espontâneo e escolar na interação com os objetos à mostra no museu, tomando-se como base teórica os conceitos de Mikhail Bakhtin. Discute-se os entrelaçamentos entre o discurso científico circulante no museu e as diversificadas relações que os visitantes estabelecem com os objetos por meio da contemplação e interação, o que se configuram em um evento único, capaz de enriquecer o sujeito na ação.

PALAVRAS-CHAVE: museus de ciências; discurso científico; teoria de Bakhtin

Atualmente, no mundo todo, os museus de ciências estão reestruturando suas exposições e atividades para atrair cada vez mais visitantes e possibilitar um retorno permanente dessas pessoas. Segundo Gouvêa e colaboradoras (2001), como o museu é aberto e o visitante tem livre escolha de percursos, o espaço deve ser organizado de modo a conquistar o público, para que as pessoas possam espontaneamente compartilhar o momento da visita, trocando ideias, informações, impressões e emoções.

Um museu de ciências precisa estruturar suas atividades de forma que o público possa se interessar pelos assuntos tratados logo na primeira visita, uma vez que não há como prever quando os visitantes retornarão ao espaço. Nesse sentido, vários recursos, técnicas e estratégias expositivas nos museus de ciências têm transformado a relação entre o objeto exposto e o visitante em uma interação dinâmica, que envolve a participação ativa do público no processo comunicacional.

Essa necessidade de cativar o visitante tem ampliado as relações dos museus com as escolas de Educação Básica, com as diferentes mídias e com o público em geral, não somente nos espaços que abordam conteúdos científicos, mas também nos centros culturais e museus de história e de arte.

O surgimento de novas tecnologias da informação e da comunicação são responsáveis pelo bombardeio de saberes, por transmitir em certo grau padrões de significados ao mundo, à vida, à sociedade, à natureza (Moreira e Kramer, 2007). Em função disto tem se lançado alguns desafios aos museus de ciências no que concerne a comunicação e a educação (Gruzman e Siqueira, 2007). A criatividade dos museus de ciência é de tal magnitude na contemporaneidade que transcende a visão desses espaços como locais onde se imperava a lei do “não toque”, neles é possível “experienciar, sentir, provar, aprender mais com a exposição” através de atividades lúdicas, divertidas, que “proporcionam sensações diversas”, que ensinam e conferem um valor emocional à cultura ali apresentada (Lima e Guimarães, 2011).

Ao se deparar com visitantes, principalmente escolares, nos museus de ciências, a sensação que se tem é de que eles querem tudo ao mesmo tempo agora. Que a diversidade de aparatos museais ofertados são módulos singulares de interação, que deixam o visitante atônito com tantas possibilidades que se descolam do cotidiano, do usual. Falo dos museus de ciências mas é possível encontrar pessoas em estado de atonia em diferentes museus. Gente emocionada no Museu de Arte de São Paulo, no Museu do Futebol, no Museu Casa de Portinari e em todos os 3.118 museus brasileiros (Ibram, 2011).

E não é diferente no Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC) da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. Inaugurado em maio de 2002 através de uma parceria com a prefeitura municipal, está localizado no Parque Municipal Victório Siquierolli, composta por vegetação típica do Cerrado.

O MBC é o único equipamento científico-cultural dessa natureza no Brasil e no mundo, pois está voltado à popularização do conhecimento acumulado sobre temas do bioma Cerrado, um *hotspot* em termos de biodiversidade planetária. No acervo da exposição permanente, a fauna é representada por mamíferos, répteis e aves taxidermizados, tais como jaguatirica, lobo-guará, lontra, quatis, tatus, serpentes, tucanos e corujas, dispostos em vitrines, além de uma coleção de invertebrados e representantes da flora dessa região do país. As trilhas temáticas levam o visitante a observar alguns aspectos ambientais do parque, como vegetação característica, cursos d'água e serrapilheira, com orientação em um único sentido, por meio de placas informativas. Diversos elementos interativos são disponibilizados aos visitantes, tais como: painéis com sugestão de investigação, fita métrica comparativa da altura do visitante à pele de uma serpente, terminais eletrônicos com atividades sobre animais do Bioma Cerrado.

OBJETIVOS

Essa pesquisa teve como objetivo principal buscar compreender as relações que os visitantes dos museus de ciências, espontâneos e escolares, estabelecem com os objetos expostos e com os diferentes discursos científicos (Cunha e Giordan, 2009) circulantes no Museu de Biodiversidade do Cerrado – Universidade Federal de Uberlândia, tendo como base conceitos da teoria de Bakhtin.

MARCO TEÓRICO

A teoria de Bakhtin pode contribuir para que busquemos compreender os processos relacionais que se estabelecem no momento da visita do público e a interação dos mesmos com os objetos expostos nos museus. Três conceitos da teoria de Bakhtin, especificamente, foram apropriados para a constituição da interpretação dos dados: o processo dialógico e polifônico do discurso, o de enriquecimento do ser pelo conteúdo da contemplação e da compreensão do objeto em relação ao próprio ser, e do evento único.

O conteúdo temático do discurso se apresenta “como um sistema de signos dinâmicos e complexos que procura-se adaptar adequadamente as condições de um dado momento da evolução” (Bakhtin, 2012). Esta noção de signo ideológico perpassa todos os gêneros discursivos, e através das palavras que não são neutras, mas carregadas de sentidos, proporciona a construção de um discurso que depende do momento histórico e do grupo social a quem se direciona.

Para Bakhtin, compreender o objeto é compreender o meu dever em relação a ele, como parte de um ato de responsabilidade. O conteúdo da contemplação é dado pela cultura, mas o sujeito contemplativo é o lugar para onde me desloco quando dou sentido ao objeto, e volto enriquecido, com responsabilidade, com pensamento participativo. A compreensão do objeto perpassa pela relação ao próprio ser, num evento único (Bakhtin, 2010).

Tomando-se como princípio que a ida a um museu de ciências, num país com tantas limitações de acesso a equipamentos culturais como o nosso, é um evento único e uma oportunidade muitas vezes estimulada somente pela escola, buscar compreender como o indivíduo pode se apropriar dessa visita para o seu enriquecimento através do contato com os objetos e com as diferentes mídias que lá se interconectam, é um desafio estimulante.

METODOLOGIA

Os questionamentos postos para buscar compreender as relações que se estabelecem entre os visitantes do museu e os objetos no momento da visita foram: Os enunciados dos aparatos comunicacionais nos museus de ciências evocam o enriquecimento do sujeito? Nos absorvem no singular? Extasiam os visitantes na vivência de um momento que não se repete? Essas questões associadas aos conceitos em Bakhtin são vibrantes pois permitem um entrelaçamento de contextos que se tangenciam. Por um lado os museus de ciências com seus tentáculos mágicos que buscam envolver o visitante com discursos midiáticos e temáticos, e do outro, o visitante com sua busca, com o seu encantamento pelo novo, por enriquecer-se. Para tornar possível essa análise, a metodologia da pesquisa foi estruturada na observação discreta (Stuart, 2005) de duzentos visitantes espontâneos e escolares durante 8 meses de pesquisa, em dois dias não consecutivos (um dia da semana e um dia no final de semana) com registro em caderno de campo com uso de planilha com variáveis comportamentais dos visitantes. A análise dos dados da observação discreta foi feita com base no referencial teórico de Bakhtin (1997; 2010; 2012).

RESULTADOS

Resultados parciais da pesquisa são apresentados. Foi possível notar de forma recorrente que o visitante, seja espontâneo ou escolar, adentra o saguão do MBC focando o olhar para o centro e raramente observa os elementos comunicacionais que estão na entrada do museu. Diversos visitantes somente observam os objetos relativos à história do parque e do museu quando já percorreram todo o espaço museal, ou quando estão saindo do museu. Há diferenças evidentes entre o visitante espontâneo e o escolar, não somente pelos dias nos quais visitam o museu mas fundamentalmente em relação ao tamanho e interesse dos grupos no momento da visita. Os visitantes escolares são conduzidos com auxílio do professor e embora o roteiro no MBC seja livre, os escolares percorrem o museu de forma estruturada, geralmente com todos os escolares reunidos em torno de um artefato museal (Nascimento e Ventura, 2001) até que o professor ou mediador do museu os conduza a outro artefato. Já os visitantes espontâneos percorrem o MBC sem um percurso definido e são guiados por eles mesmos, em função do que julgam ser mais interessante para observar. Os visitantes escolares ao comentar sobre um objeto em particular, acabam associando o objeto a algo divertido que se relaciona com a escola ou aos colegas. Os objetos em exposição chamam a atenção do visitante escolar quando há um desafio posto: uma pergunta, uma relação com o que foi abordado em aula, uma imagem similar ao que observou em um programa de televisão. Como estão ávidos por ver tudo ao mesmo tempo, muitas vezes não dedicam muito tempo a um dado artefato e rapidamente querem observar outro. Isso sempre ocorre, a menos que um colega, professor ou mediador, chame a atenção para um elemento específico da exibição. Já os visitantes espontâneos demoram mais tempo à frente de um dado artefato e conversam sobre como o objeto em exposição se relaciona com eventos do cotidiano. Muitas vezes foi possível perceber conversas no sentido de como um determinado animal taxidermizado exposto nas vitrines tem relação com a infância da pessoa, com o crescimento do meio urbano, com a poluição ou com reportagens de televisão ou jornal. Nesses momentos é possível articular de que o sujeito na ação, no ato da visita ao

museu, contempla o objeto em exposição num processo de engrandecimento, de estabelecimento de relações não antes possíveis, pois somente ali, naquele momento e naquelas condições, se vive.

Os discursos científicos mobilizados no MBC são percebidos de forma muito diversa pelos visitantes. Esses discursos estão postos em placas, sinalizadores, nos próprios objetos, nos vídeos, nas imagens, nos recursos tecnológicos dos terminais eletrônicos e no diálogo com os mediadores. Nessa multiplicidade de elementos do discurso, o visitante também estabelece com o museu um modo próprio de explorá-lo, visto que tem diversas opções pelas quais o discurso científico pode ser apropriado. Ou seja, a partir do contato com o objeto, e com aquilo que faz sentido para o sujeito, reelabora o discurso científico veiculado no MBC e passa a incorporar esse discurso na sua existência, tornando parte do arcabouço de interpretações que faz do processo de estar no mundo. Assim, pode-se buscar associar os diferentes discursos científicos presentes no MBC ao conceito de polifonia (Bakhtin, 1997), dada as diferentes vozes que os constituem: vozes da mídia, vozes dos pesquisadores que realizaram os estudos sobre a biologia exposta no museu, vozes da equipe técnica que elaborou os recursos e elementos comunicacionais do MBC, vozes do livro didático, vozes dos visitantes no ato da visita. Essas vozes ecoam no sujeito que visita o espaço e produzem novos discursos, reelaborados e sentidos no momento único da visita, na visita como acontecimento que não se repete na vida do sujeito, pois mesmo estando novamente, em um outro momento, no mesmo museu e perante os mesmo objetos, aquele sujeito que o visitou anteriormente, não será mais o mesmo, pois como sujeito responsável que o é, ao deixar o espaço, leva consigo novas vivências que constituem fonte de reflexão sobre o próprio sujeito e o mundo, e o faz engrandecer como ser humano.

CONCLUSÕES

Esse estudo demonstra que o momento da visita a um museu de ciências se constitui como um evento único de enriquecimento do sujeito pelo conteúdo da contemplação e da compreensão do objeto em exposição em relação ao próprio ser. Que cada visita a um museu de ciências pode ser encarada como um acontecimento único, que não se repete na vida do sujeito que o visita, e que nesse processo relacional o sujeito se engrandece pois assume novas posturas e responsabilidades a partir da interação com o objeto em exposição, de forma conectada com sua vida e àquilo que o constitui através da cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. (1997). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. (2012). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC. 13^a ed.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. (2010). *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores. 2^a ed.
- CUNHA, Marcia Borin da. GIORDAN, Marcelo. (2009). *A divulgação científica como um gênero de discurso: implicações para a sala de aula*. Anais do VII ENPEC. Belo Horizonte: ABRAPEC, pp. 1-11.
- GRUZMAN, Carla; SIQUEIRA, Vera Helena F. de. (2007). O papel educacional do Museu de Ciências: desafios e transformações conceituais. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 6(2), pp. 402-423.
- IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus. (2011). *Guia dos Museus Brasileiros*. Brasília: IBRAM.
- LIMA, Lauren Prestes; GUIMARÃES Cláudio Jorge. (2011). *Museus interativos: uma alternativa para a educação no século XXI*. Anais do 3º Congresso Internacional de Educação, pp. 1-10.

-
- NASCIMENTO, Sylvania Sousa do; VENTURA, Paulo César Santos. (2001). Mutações na construção dos museus de ciências. *Pro-posições*, 12 (34), pp.126-138.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; KRAMER, Sônia. (2007). Contemporaneidade, educação e tecnologia. *Educação e Sociedade*, 28 (100), pp. 1037-1057.
- STUDART, Denise Coelho. (2005). Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 12 (suplemento), p. 55-77.